

14678 - Resgate de saberes e sabores do cotidiano: o Coletivo de Mulheres do Movimento de Pequenos Agricultores (MPA)-RS

Redemption of flavors and aromas of everyday life: the Collective of Women's Movement of Small Farmers (MPA)-RS

CHIMINI, Letícia¹; LUDTKE, Rosiele Cristine², DEPONTI, Cidonea Machado³

¹ Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA, Letícia.chimini@gmail.com -; ² MPA, rosieleludtke@gmail.com ³ cidonea@unisc.br - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul.

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo relatar a experiência do Coletivo de Mulheres do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) do Rio Grande do Sul. O coletivo de mulheres é um grupo composto basicamente por mulheres, integrado a uma organização mista, com área de atuação no meio rural. As mulheres se reúnem para aprender e realizar a troca de conhecimentos sobre os benefícios das plantas medicinais, sobre cultivos, processos de colheita, de secagem, de armazenagem e de beneficiamento. Os encontros são mensais, envolvendo um trabalho prático no horto medicinal e um teórico, na qual se estuda assuntos relacionados com a atualidade, tais como questões referentes à diversificação da produção, a soberania alimentar e a questões de gênero. Ao resgatar saberes e sabores do cotidiano das famílias e das comunidades, busca-se fortalecer a produção local das camponesas e através da comercialização nas feiras agregar renda para as famílias e para as atividades do grupo.

Palavras-Chave: meio rural; gênero; agricultura camponesa; organizações; agroecologia, mulher.

Abstract: This study aims to report the experience of the Collective of Women's Movement of Small Farmers (MPA) of Rio Grande do Sul women's collective is a group composed mainly of women, integrated into a mixed organization, with operations in the area rural areas. Women gather to learn and perform the exchange of knowledge about the benefits of medicinal plants on crops, harvesting processes, drying, storage and processing. The meetings are monthly, involving practical work in medicinal garden and a theorist, in which we study issues related to the present, such as issues relating to diversification of production, food sovereignty and gender issues. By redeeming flavors and aromas of the everyday life of families and communities, we seek to strengthen the local production of peasant and through marketing fairs aggregate income for families and group activities.

Keywords: rural; gender; agriculture peasant; organizations; agroecology; woman.

Contexto

O campesinato está inserido de maneira diferenciada nas relações de produção, pois o camponês é o dono dos meios de produção e também é o sujeito que realiza o trabalho. Tem uma cultura, um modo de vida próprio. A agricultura camponesa desenvolve uma cultura própria ligada a sua região e à vida no campo (GOERGEN, 2009). Porém, a manutenção de tradições culturais (as quais se designa de camponesas) não seria incompatível com a modernização da sociedade. Não poderia ser considerada como atrasada ou tradicional, e sim ser encarada apenas como uma nova fase, com novos objetivos, em que se olha para o passado para fortalecer (e garantir) o futuro e, nesse sentido, o papel da mulher é fundamental.

Sob a égide da falta de alimentos no mundo, utiliza-se a produção de monoculturas em larga escala. Conforme Santos (2002) esta situação favorece a perda da base territorial, porque um produto mundial deixa de ser um produto com identidade cultural e passa a ser visto como “commodities”. Santos (2002, p.126) afirma que “as técnicas atuais se difundiram universalmente, ainda que com diferente intensidade, seus efeitos se fazem sentir, direta e indiretamente, sobre a totalidade dos espaços, característica da técnica atual, o caráter sistêmico que ganha força a partir da 2ª guerra, que também passa a ser estratégia do capital”.

O meio rural, lugar de trabalho, de produção e de vivência traz na sua essência o fator *exclusão* de políticas públicas, que historicamente privou o povo da roça o acesso a direitos e serviços fundamentais, tendo uma de suas formas mais cruéis a discriminação da mulher. A carência de infraestrutura nas áreas rurais, a precariedade das moradias e a dependência financeira, atinge, em especial, as mulheres, que, apesar das precárias condições resistem no meio rural e buscam seus direitos para melhor atenderem suas necessidades. Um conjunto de desigualdades sociais, em relação ao urbano, são agravadas pelas desigualdades de gênero que assola toda a sociedade, e de forma muito intensa e velada no campo. A potencialização de uma rede social no meio rural, através de políticas públicas nas comunidades, perpassa pela questão de gênero, que segundo Mészáros (1995) é aquela que origina as demais.

As consequências da desigualdade de gênero estão diretamente relacionadas ao êxodo rural feminino, exemplificado pela saída da mulher do campo em busca de renda, de autonomia financeira, visto não ter remunerada suas atividades na propriedade. Para muitas mulheres, a aposentadoria rural, foi a primeira renda que a mulher teve acesso durante toda sua vida, pois primeiramente a renda era do pai e após o casamento a renda passou a ser do marido.

Entretanto, sabe-se que não há agricultura e nem família camponesa sem a presença feminina. Ela está presente em todo o sistema de produção, contribuindo para a sustentação da família camponesa, bem como é sabido que é pelo trabalho de produção da subsistência que a maioria das famílias camponesas sobrevive, e nessa atividade a mulher é a principal agente. A mulher traz consigo práticas e saberes adquiridos em gerações e utiliza essas práticas sempre que possível. Os saberes e as práticas trazidos pelas mulheres contrapõem às atividades que visam apenas o ganho financeiro, sendo o centro de articulações no meio em que vivem, tendo papel fundamental na fase de transição para uma agricultura agroecológica, principalmente quando as atividades convencionais põem em risco o bem estar da família. O protagonismo feminino é de suma importância quando se trata da decisão de mudar a forma de produzir. Esse protagonismo, diretamente ligado ao conceito de eco feminismo, e conseqüentemente, de agroecologia - bandeira levantada pelos movimentos feministas e da Via Campesina - aponta para caminhos de superação que se redescobrem, se organizam, inovam e têm assumido o desafio de fazer a discussão sobre a participação das mulheres na família camponesa, assim como, nos diversos espaços da sociedade. Parte-se do pressuposto de que é necessário construir novas relações sociais de poder e de gênero para que uma sociedade mais sustentável, justa e harmoniosa possa ser vivida pelas futuras gerações.

Descrição da experiência

O Movimento dos Pequenos Agricultores surge nos anos 90, reivindicando atitudes do poder público para o enfrentamento de uma longa estiagem que desencadeara uma situação insustentável para os agricultores e agricultoras que não estavam sendo conduzidos de maneira satisfatória pelos sindicatos da categoria. O MPA é um movimento social formado por famílias camponesas, de caráter nacional e popular, de massa, autônomo e de luta permanente que tem como objetivo o resgate da identidade e da cultura camponesa, respeitando as diversidades locais, o modo de vida e os valores da classe camponesa, nas diversas regiões do Brasil.

O MPA propõe que as questões econômicas estejam intimamente interrelacionadas às questões sociais, pois se têm o domínio do conhecimento, dos modos de produção, “do fazer” e da autonomia das famílias. No entanto, ainda há falhas quanto ao acesso às políticas sociais, desigualdade de gênero e direitos fundamentais no meio rural. O Movimento acredita que isso pode ocorrer quando houver fortalecimento da rede de serviços nas comunidades, de seus vínculos, de seu sentimento de pertença e das lutas por inclusão. Estas lutas objetivam garantir o acesso aos direitos e aos serviços fundamentais, às políticas públicas, à qualidade de vida, dentre outros.

O movimento atua em 17 estados do país (RS, SC, PR, MT, GO, DF, RO, PA, PI, CE, SE, PE, AL, BA, ES, RJ, MG). No Rio Grande do Sul em mais de 100 municípios, o MPA luta conjuntamente com organizações de outros países, através da via camponesa numa proposta que consiste, dentre outras prioridades, no resgate da cultura camponesa, em resposta às contra-reformas neoliberais de uma agricultura globalizada excludente e patriarcal e na defesa da agroecologia, pois o sistema agroecológico de produção olha para o território numa perspectiva horizontal, com ênfase no equilíbrio das relações, entre homens e mulheres, entre o social e o natural, buscando a sustentabilidade em seus vários aspectos.

Há alguns anos, os pequenos agricultores, vêm buscando efetivar a participação das mulheres nas instâncias da associação, além de buscar sua inserção na produção de alternativas viáveis e sustentáveis para as famílias camponesas. Para isso, organizam-se encontros de formação específicos, em parceria com cooperativas, sindicatos, movimentos sociais e outras associações, debatendo processos produtivos com base na agroecologia, resgatando sementes e variedades crioulas e buscando a diversificação da produção e a sustentabilidade ambiental, bem como, a soberania e segurança alimentar para essas famílias. E a discussão de gênero nesse processo, objetiva sensibilizar/socializar os cidadãos sobre o papel da mulher na sociedade e principalmente na agricultura camponesa.

Com o objetivo de ampliar a participação das famílias no MPA, iniciou-se, em 2006, o processo de discussão sobre a realização de um trabalho específico com as mulheres. A base principal era debater as relações de gênero e a geração de renda para as famílias, principalmente pelo fato das mulheres cuidarem das criações e das “miudezas” que vão para a mesa da família, e também realizar a diversificação da propriedade e conseqüentemente da renda. As próprias mulheres foram protagonistas na criação do grupo, com várias parcerias e assessorias.

O Coletivo de Mulheres do MPA/RS é um grupo composto basicamente por mulheres, integrado a uma organização mista, com área de atuação rural. A

composição social do grupo/organização é de agricultoras familiares, cuja fundação foi em 2006. A primeira experiência de comercialização ocorreu em 2010 e, atualmente, não há um volume mensal certo de comercialização. A produção das plantas medicinais, tinturas, sementes e também de bolsas, doces, pães, lanches, sucos, compotas, conservas, queijo e artesanatos, que são comercializados em feiras e, **principalmente, nas festas relacionadas à agricultura camponesa. Nem toda a produção tem o objetivo comercial, propriamente dito, pois ocorrem frequentes trocas** que objetivam a auto-organização das mulheres que ocorrem nas seguintes regiões:

Região Vale do Rio Pardo - Santa Cruz do Sul, Vera Cruz, Agudo, Arroio do Tigre, Camaquã, Novo Cabrais, Paraíso do Sul, Passa Sete, Passo Sobrado, Sinimbu, Sobradinho, Vale do Sol, Vale Verde, Vera Cruz; Encruzilhada do Sul, Pântano Grande, Segredo, Tunas.

Região da Produção: Palmeira das Missões, Novo Barreiro, Lajeado do Bugre.

Região Médio Alto Uruguai: Frederico Westphalen, Cristal do Sul, Ametista do Sul, Irai, Caiçara, Seberi, Herval Seco, Taquaruçu do Sul, Rodeio Bonito, Vista Alegre, Pinheirinho do Vale, Palmitinho, Pinhal.

Região do Alto Jacuí: Ibirubá, Quinze de Novembro.

Região Vale do Taquari: Progresso, Boqueirão do Leão, Canudos do Vale.

Os encontros do Coletivo são mensais, envolvendo um trabalho prático no horto medicinal e um teórico, na qual se estuda assuntos relacionados com a atualidade, dentro do contexto da diversificação da produção e da soberania alimentar e questões de gênero, sob a coordenação das responsáveis pelo projeto construído coletivamente a partir de suas demandas. Aos poucos a demanda por socializar os conhecimentos e os encontros passaram a atender, também, a produção de artesanatos, de chimias, de doces, de compotas, de lanches, etc, que são comercializados nas feiras que o Coletivo de Mulheres participa.

Outro objetivo é a coleta e a organização de materiais que retratam os processos de produção agroecológicos, as práticas de manejo do solo, as técnicas de resgate de sementes e variedades nativas e crioulas, a adubação verde, os sistemas de pastoreio a base de pasto, as ervas medicinais, a horta e pomar doméstico. Enfim, técnicas alternativas ao modelo de produção vigente que utiliza insumos químicos e coloca as famílias de agricultores em estado de dependência de algumas empresas do setor. Ainda, busca-se o resgate de receitas de alimentos, de chás, de pomadas, de detergentes caseiros e sabões, o resgate de histórias, cantigas, lendas, enfim, da cultura camponesa. Além disso, estimula-se a discussão e a mobilização, a defesa dos direitos e a construção de propostas para a melhoria das suas condições de vida, com ênfase nas lutas do 8 de março - dia Internacional da Mulher.

Resultados

Atualmente, em torno de 80 mulheres participam diretamente dos encontros em diferentes municípios do estado. A partir do momento que as mulheres começaram a participar destes encontros, percebeu-se, em um primeiro momento, uma melhora significativa na sua autoestima e conseqüentemente, melhora nos hábitos de alimentação, utilização de plantas medicinais, produção de alimentos diversificados e saudáveis sem uso de agrotóxicos, troca de saberes entre as participantes. Com isso as comunidades também se fortaleceram, pois em locais onde as pessoas melhoram sua qualidade de vida, conseguem também se relacionar de forma comunitária, o que é motivado nos encontros.

A economia das famílias era baseada em um ou dois cultivos principais. No decorrer do processo, com o incentivo na produção diversificada, as famílias passaram a produzir os mais diversos cultivos, principalmente para sua alimentação, podendo comercializar ou trocar com seus vizinhos e comercializar no PAA. Essa comercialização tende a aumentar, pois, o Coletivo de Mulheres do MPA está inserido dentro de um projeto nacional de capacitação e de acompanhamento técnico para a organização da produção, de grupos de mulheres Camponesas para participação no PAA e PNAE, cujo objetivo geral é ampliar a participação das mulheres nessas políticas de comercialização e a participação no movimento social.

A realidade e o contexto social descritos neste relato apontam para a necessidade de trabalhar para o fim da desigualdade de gênero. A desigualdade de gênero, sob a ótica do papel da mulher na agricultura, impede o fortalecimento, uma vez que, a mulher apresenta papel fundamental na agricultura, porém de uma forma desvalorizada. Logo, fortalecer as mulheres na luta contra a desigualdade de gênero é fortalecer o papel da mulher na agricultura e conseqüentemente, fortalecer a agricultura camponesa e a agroecologia.

Referências bibliográficas

GOERGEN, S. A. Agricultura Camponesa e as Realidades Brasileiras, Porto Alegre: 2009.

MÉSZÁROS, István. Para além do capital. Rumo a uma teoria de transição. São Paulo, 2002.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço – técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo, 1996.